

Um estudo sobre Psicopatia, Reincidência e Violência Criminal

Eduarda Sofia Reis Da Silva

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**UM ESTUDO SOBRE PSICOPATIA, REINCIDÊNCIA E VIOLÊNCIA
CRIMINAL**

Eduarda Sofia Reis Da Silva

Outubro 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto,
orientada pelo professor **Fernando Barbosa** (FPCEUP)

Avisos Legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Dado que a vida faz-se caminhando, não podia realizar a minha dissertação de mestrado sem agradecer às pessoas que me acompanharam.

Ao meu orientador, Professor Doutor Fernando Barbosa, pelas orientações, por não me ter dito que era impossível.

À D. Marta e ao Guarda Martins, por me terem recebido com o maior sorriso no rosto, mesmo quando já tinha dado como terminado o meu estágio no EPP. Por terem sido tão prestáveis acolhedores.

À Dr.^a Fátima Quadros, pela orientação antes e depois, dentro e fora do EPP, por ter me recebido, sem, ao menos, me conhecer, e por ter acreditado em mim desde sempre, pelas lições, pela motivação, pela confiança e pelo apoio.

Aos reclusos do EPP, pelo tempo que com eles passei durante o meu estágio curricular e pela disponibilidade, abertura, sinceridade, empenho, por terem mudado a minha vida e por me terem aberto os olhos em relação a certas coisas para as quais eles permaneciam semi-cerrados...

À Rita e a Márcia, pelas dicas em cima do joelho. Obrigada, mesmo.

À minha família:

À Matilde, a *little sister* (maior que eu), pelo amor-ódio, pelas fraldas que te troquei, por para o ano começares o teu percurso académico. Pela paciência. Pela preocupação e vigilância silenciosas. Por dizeres que não com palavras e sim com atitudes. Pelo computador mais lento que é o teu, mas que me permitiu escrever isto.

Ao Rodrigo, o meu irmão mais novo, pelas dores de cabeça e pelo trabalho que me dá, por me fazer sempre lembrar que a casa não está vazia quando chego (mesmo quando já está no sono da meia-noite), pelos truques de magia e por não querer comer a sopa. Por me fazer lembrar que existe sempre uma criança dentro de nós, por depositar em mim todos os sonhos do mundo.

À minha mãe, por me mostrar que só aprendemos se batermos com a cabeça e que o desenrascanço é uma arte!

Aos meus avós pela preocupação: ao meu avô por ser o meu contacto de emergência e à minha avó por querer o melhor para mim.

À minha avó *velhinha*, por ser a minha estrela guia, desde o meu primeiro, ao seu último suspiro. Pela sua sabedoria. Por ser a minha guardiã eterna. Sempre (23/10/1916 - 22/12/2004).

À família que a vida me trouxe:

Ao Filipe, por mesmo longe, está sempre tão perto, por ser o meu porto seguro durante 5 anos de curso (e fora dele), por nunca teres falhado quando eu precisei e por (tentares) puxares-me as orelhas quando foi preciso. Pelos conselhos estatísticos. Pelas vezes que me “salvaste a vida” (tantas). Obrigada pai.

À Fabiana, por me dar uma gargalhada por minuto (no mínimo), por nunca permitir que eu fique triste, mas pelas suas figuras tristes (que me alegram a alma). Pela simplicidade e pelo apoio.

À Saza, pela determinação e força de vontade, por nunca me deixar desistir – insistindo. Por alinhar em tudo e me puxar para cima. Pelas caminhadas nocturnas e pelas horas de sono perdidas (ganhas).

À Andreia, pelos 18 anos a aturar-me. Por seres a minha companheira desta viagem que é a vida. À minha melhor amiga, pelas palavras e pelo silêncio (o teu e o meu), sempre no momento certo (quando tudo está errado). Por seres a minha estrela na terra, a minha âncora de pés assentes. Tens um valor incalculável.

À Bia, por seres a minha companheira de bordo, por não haver distância que mude o que nós somos uma para outra, uma com a outra, juntas. Por teres sido a minha família do outro lado do mundo, por me mostrares que é possível viver com alguém sem criar uma guerra. Pelos “vamos” sem pensar. Pelas loucuras. Pelos prazos em cima do joelho.

Ao Gustavo, por teres sido uma luz no fundo do túnel, quando nada havia além de escuridão. Por me fazeres a vida parecer normal. Pela motivação e por insistires que eu era capaz, sempre. Por acreditares mais em mim, que eu.

Ao Pedro, ao meu anjo que tanto queria voar. Pelas horas de conversa sobre resiliência, por exalar sonhos infinitos. Pelas vezes que me disse que a minha força era ilimitada. Por ter sido a minha luz. Por ter o coração mais puro que conheci. Por ter sido a

maior lição da minha vida: “*No silêncio de uma flor, existe todo um alvoroço; De uma Primavera por despontar. E o grito profundo, solitário e imenso; Do que as palavras não podem nomear*”. Por se preocupar demais e por não querer preocupar, escolheu voar para um mundo onde a sua alma encaixasse. Por mesmo assim Sodré, continuares sempre do meu lado. Agora, eternamente. *O protagonista és tu*. Pelo teu amor incondicional. Porque eu garanti-te que iria conseguir. Voa meu anjo. Até já. (19/02/1998 - 24/4/2018).

“I was born with the devil in me. I could not help the fact that I was a murderer, no more than the poet can help the inspiration to sing..I was born with the evil one standing as my sponsor beside the bed where I was ushered into the world, and he has been with me since.”

H.H Holmes

Resumo

O presente estudo explora a relação entre a psicopatia, reincidência e violência criminal. A psicopatia foi conceptualizada em psicopatia primária e secundária, tendo sido medida neste estudo através do LSRPS, assim como os traços da personalidade psicopática segundo a conceptualização triárquica de Patrick (2009), medidos através do TriPM.

Ambos os testes foram aplicados a uma amostra de 52 reclusos no Estabelecimento Prisional do Porto, do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 24 e os 60 anos de idade. Para avaliação da reincidência criminal foram contabilizados o número de condenações de cada participante e para avaliação da violência foi aplicada a escala de avaliação da gravidade criminal do código penal do Minnesota aos crimes cometidos pelos participantes.

Através de vários modelos de regressão linear múltipla investigou-se se a psicopatia primária ou secundária, assim como os traços de personalidade subjacentes (ousadia, crueldade e desinibição) seriam capazes de prever o índice de reincidência e/ou de violência criminal.

Os resultados demonstraram que a única variável preditora da violência criminal é a crueldade, estando ambas as variáveis negativamente correlacionadas. Não se verificaram resultados significativos nos restantes testes efetuados. Análises suplementares evidenciaram que as variáveis demográficas Idade e Estado Civil (enquanto medida de proximidade das relações de intimidade) eram significativamente preditoras da reincidência, assim como a variável Estado Civil da violência criminal.

As implicações do estudo referem que a desejabilidade social seja um dos fenómenos explicativos dos resultados obtidos (e.g. menor crueldade, maior a violência) e na falha pela recolha de variáveis clínicas e de histórico familiar dos reclusos, podendo gerar enviesamento.

Palavras-Chave: Psicopatia Primária; Psicopatia Secundária; Ousadia; Crueldade; Desinibição; Reincidência; Violência; Crime.

Abstract

The present study explores the relationship between psychopathy, reicidivism and criminal violence. Psychopathy was conceptualized in primary and secondary psychopathy and been measured in this study through the LSRPS, as well as the psychopathic personality traits according to the triarchic conceptualization of Patrick (2009), measured through TriPM.

Both tests were applied to a sample of 52 prisoners in the Porto Prison, males, aged between 24 and 60 years of age. In order to evaluate criminal recidivism, the number of prisons of each participant was counted and for the measurement of violence, the scale of evaluation of the criminal gravity of the Minnesota penal code was applied to the crimes committed by the participants.

Several models of multiple linear regression explored whether primary or secondary psychopathy, as well as the underlying personality traits (boldness, meanness and disinhibition), would predict recidivism and/or criminal violence.

The results showed that the only variable predictive of criminal violence is meanness, both variables being negatively correlated. There were no significant results in the remaining tests. Further analysis revealed that the demographic variables Age and Civil Status (as a measure of proximity of their intimacy relations) were significantly predictive of recidivism, as well as the Civil Status predictive of criminal violence.

The implications of the study indicate that social desirability is one of the explanatory phenomena of the results obtained (e.g. lower meanness, greater violence) and failure to collect clinic variables and family history of inmates, which can lead to bias.

Key-Words: Primary Psychopathy; Secondary Psychopathy; Boldness; Meanness; Disinhibition; Recidivism; Violence; Crime.

Resumé

La présente étude explore la relation entre la psychopathie, le récidivisme et la violence criminelle. La psychopathie été conceptualisée dans psychopathie primaire et secondaire, après avoir été mesurée dans cette étude par le biais de la LSRPS, ainsi que par les traits de personnalité psychopathes selon la conceptualisation triarchique de Patrick (2009), mesurée par TriPM.

Les deux tests ont été appliqués à un échantillon de 52 prisonniers de la prison de Porto, hommes et âgés de 24 à 60 ans. Afin d'évaluer la récidive criminelle, le nombre de décisions de chaque participant a été compté et pour mesurer la violence, l'échelle d'évaluation de la gravité pénale du code pénal du Minnesota a été appliquée aux crimes commis par les participants.

Plusieurs modèles de régression linéaire multiple ont exploré si la psychopathie primaire ou secondaire, ainsi que les traits de personnalité sous-jacents (audace, méchanceté et désinhibition), permettraient de prévoir la récidive et / ou la violence criminelle.

Les résultats ont montré que la méchanceté est la seule variable prédictive de la violence criminelle, ces deux variables étant négativement corrélées. Il n'y avait pas de résultats significatifs dans les tests restants. Une analyse plus approfondie a révélé que les variables démographiques Âge et État civil étaient des prédicteurs significatifs de la récidive, de même que les prédictions de l'état civil prédictives de la violence criminelle.

Les implications de l'étude indiquent que la désirabilité sociale est l'un des phénomènes explicatifs des résultats obtenus (par exemple, moins méchanceté, plus violence) et l'absence de collecte des variables cliniques et des antécédents familiaux des détenus, ce qui peut conduire à des biais.

Mots-Clés: Psychopathie Primaire; Psychopathie Secondaire; Audace; Méchanceté; Désinhibition; Récidive; Violence; Crime.

Lista de Abreviaturas

BAS *Behavioral Activation System*

BIS *Behavioral Activation System*

EDSMC Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne

EPP Estabelecimento Prisional do Porto

LSRPS The Levenson Self-Report Psychopathy

PCL-R *Psychopathy Checklist-Revised*

SPSS *Statistical Package for Social Sciences*

SIP Sistema Interno Prisional

TPAS Perturbações da Personalidade Anti-social

TRIPM *Triarchic Psychopathy Measure*

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| Enquadramento Conceptual | 2 |
| 1. A Psicopatia | 2 |
| 2. Psicopatia Primária e Psicopatia Secundária | 4 |
| 3. Conceptualização Triárquica | 5 |
| 4. A Explicação da Psicopatia | 6 |
| 5. A Psicopatia no Presente | 8 |
| 6. Psicopatia, Crime e Reincidência | 9 |
| Estudo Empírico | 12 |
| 1. Introdução e Hipóteses de Investigação | 12 |
| 2. Metodologia | 13 |
| 2.1. Amostra..... | 13 |
| 2.2. Instrumentos | 13 |
| 2.4. Procedimento | 15 |
| 2.5. Procedimento estatístico e análise de dados | 15 |
| 3. Resultados | 15 |
| 3.1. Estatísticas descritivas | 15 |
| 3.2. Medidas de consistência e fidelidade da escala | 16 |
| 3.3. Teste às hipóteses | 16 |
| 3.4. Análises Acessórias | 18 |
| 4. Discussão | 19 |
| 4.1. Psicopatia na Comunidade e na Prisão | 20 |
| 4.2. Psicopatas Bem-Sucedidos | 22 |
| 4.3. Psicopatia e Crime | 23 |
| 4.4. O Meio e a sua Influência | 25 |
| 4.5. Desejabilidade Social e Estigma..... | 25 |
| 5. Implicações e Direcções Futuras | 26 |
| Referencias Bibliográficas | 27 |

Introdução

O conceito de psicopatia nasceu na área da medicina legal, quando os clínicos se aperceberam de que muitos criminosos violentos e cruéis não exibiam as clássicas representações de loucura (Hare & Neumann, 2008), estando a monstruosidade coberta por uma máscara de sanidade.

Desde então que os psicopatas têm vindo a ser associados a assassinos em série ou homicidas do mais alto nível de violência, capazes de matar pais e filhos sem sentir remorsos ou dor pela perda dos entes queridos. São tidos como desprovidos de emoções e sentimentos, transformando-se em alvos de documentários, filmes e livros. A emoção e o sentimento são características intrínsecas do Homem, que vive dependente das suas relações. A incompreensão da ausência destes atributos despoleta inevitavelmente a curiosidade do ser humano, que se reconhece como tal.

No entanto, o rótulo estigmatizante associado ao conceito não o forma, nem o define e, desse modo, apesar de existirem evidências de psicopatas como a sociedade os vê, nem tudo é linear.

Ao longo das décadas, a psicopatia foi-se construindo pelas mãos de vários investigadores da comunidade científica, sendo agora um conceito sólido e de possível mensuração. Todavia, ainda muito há por desvendar de tudo o que esta estrutura de personalidade abarca e de quem é realmente, o psicopata.

Não largando a sua origem, o presente estudo explora a relação entre a psicopatia e a reincidência e violência criminal. A reincidência criminal adquire especial importância, uma vez que apenas 5% dos criminosos, é responsável por 50% da totalidade dos crimes (Wolfgang, 1978, cit. in Barbosa, 2003). Se a psicopatia prever a reincidência, será possível tomar medidas que reduzam estas taxas criminais.

Estando a psicopatia relacionada com o crime e sendo o crime tão antigo como o próprio homem (Santos, 2001), como não questionar de que modo a personalidade antissocial no geral, e a psicopatia, no particular, poderá estar relacionada com a reincidência e violência criminal?

Enquadramento Conceptual

1. A Psicopatia

Segundo a *Society for the Scientific Study of Psychopathy* (2016), psicopatia é um conjunto de traços que abarca comportamentos impulsivos e antissociais e características afetivas e características interpessoais. Regra geral, apresentam-se em maior percentagem nos estabelecimentos prisionais, mas também podem estar presentes em contextos comunitários. Normalmente, a psicopatia é impulsionadora da agressão física (podendo, no entanto, não ocorrer). Os psicopatas são indivíduos conscientes da realidade e racionais, ao contrário de indivíduos com perturbações psicóticas.

O conceito e o uso da nomenclatura como ainda hoje é conhecida surge apenas em 1941 com Hervey Cleckley, um psiquiatra americano, na sua famosa obra *Mask of Sanity*. No entanto, já desde 1801 constavam conceitos como “*manie sans delire*” (Pinel, 1801), “*moral alienation of the mind*” (Rush, 1812) e “*moral Insanity*” (Prichard, 1835).

Concebendo a psicopatia como uma perturbação da personalidade mascarada por lucidez mental, Cleckley apresenta um conjunto de características para definir um psicopata, apesar de não terem necessariamente todas de estar presentes, e estabeleceu alguns critérios que permitiriam tornar o conceito funcional.

Segundo Cleckley (1988) um fator importante para distinguir um psicopata é o seu “fracasso para aprender a adoptar um melhor e mais rico padrão de vida” (pp.78). Aliás reforça que a perturbação do psicopata geralmente não é difícil de distinguir das outras perturbações, mas, como todas elas, também é vista nas mais amplas variações de níveis, manifestando variações que alternam entre traços de personalidade isolados numa pessoa bem-sucedida ou breves episódios de delinquência na adolescência.

Como perturbação mental (transtorno de personalidade sociopática), a psicopatia surge oficialmente na primeira versão do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) em 1952. O conceito é conceptualizado como uma perturbação de personalidade, do tipo antissocial. Em 1968 surge uma evolução do conceito na segunda edição do DSM: os psicopatas foram descritos, como indivíduos que expõem uma personalidade antissocial, indivíduos que racionalizam o comportamento e fracassam em aprender com a experiência. Não obstante, a versão seguinte do DSM (DSM-III) apresentou uma grande evolução: a

psicopatia não se cingia apenas a um conjunto de traços de personalidade, mas a trajetória de comportamentos violentos e antissociais (Lilienfield, 1998). No entanto apenas na década de 70 é que vários investigadores procuram definir critérios para o diagnóstico.

Hare e Neumann (2008), afirmam que características de uma personalidade psicopática incluem:

Tabela 1. Características da Escala de Psicopatia de Hare

| Factor 1 | | | |
|---|---|---|--|
| Interpessoal | | | |
| 1) Loquacidade / charme superficial; | 2) Sentido grandioso de auto-estima; | 3) Necessidade de estimulação / tendência para o tédio; | 4) Mentira patológica; |
| Afectivo | | | |
| 5) Engano / manipulação; | 6) Falta de remorsos ou culpa; | 7) Afecto superficial; | 8) Insensibilidade / falta de empatia; |
| Factor 2 | | | |
| Estilo de Vida | | | |
| 9) Estilo de vida parasitária; | 10) Pobre controlo comportamental; | 11) Comportamento sexual promíscuo; | 12) Problemas precoces de comportamento; |
| 13) Falta de objectivos realistas de longo prazo; | | | |
| Antissocial | | | |
| 14) Impulsividade; | 15) Irresponsabilidade; | 16) Falha em aceitar a responsabilidade pelos próprios actos; | 17) Muitos relacionamentos conjugais de curta duração; |
| 18) Delinquência juvenil; | 19) Revogação da liberdade condicional; | 20) Versatilidade Criminal | |

A criação de um instrumento de avaliação tornou-se fundamental. Desenvolvida por Robert Hare em 1971 (revista e aperfeiçoada mais tarde pelo mesmo), surge a *Psychopathy Checklist* ou *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 1991). Influenciada pelo trabalho clínico de Cleckley, este instrumento foi o primeiro e o mais utilizado na comunidade científica. Uma entrevista semiestruturada, com 20 itens que reflectem as características de personalidade e comportamentos antissociais. A PCL-R revela quatro dimensões subjacentes ao constructo: interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial (Hare & Neumann, 2006).

2. Psicopatia Primária e Psicopatia Secundária

De acordo com o Hare (2003), a dimensão interpessoal (denominada faceta 1) caracteriza os indivíduos como manipuladores, mentirosos patológicos, detentores de um charme superficial e uma perspectiva grandiosa de si próprios. A dimensão que corresponde à afetividade (faceta 2) apresenta a falta de remorsos/culpa, afeto superficial, falta de empatia e não aceitação da responsabilidade pelos próprios atos. Ambas as facetas integram o denominado fator 1 da psicopatia, a psicopatia primária.

A dimensão do estilo de vida (faceta 3) enquadra a ausência de objetivos realistas, busca de sensações fortes, irresponsabilidade, impulsividade e parasitismo em relação aos outros.

Já a dimensão do comportamento antissocial (faceta 4) indica a falta de autocontrole, versatilidade criminosa, delinquência juvenil. As duas últimas facetas correspondem ao fator 2, a designada psicopatia secundária (Hare, 2003).

Nesta visão, psicopatas primários e secundários exibem níveis semelhantes de traços psicopáticos, mas diferem noutros conceitos-chave, particularmente em sofrimento emocional e ansiedade. A psicopatia primária apresenta baixos níveis de ansiedade, enquanto psicopatia secundária apresenta níveis normais de ansiedade (Blackburn, 1975, cit. in Docherty et al., 2016). Existem ainda outras definições para o mesmo conceito como "tradicional", para psicopatia primária e "sintomática", para a secundária (Docherty et al., 2016).

Estudos sobre a distinção entre psicopatia primária e secundária também descobriram que indivíduos que apresentem maiores pontuações de psicopatia secundária apresentam sofrimento psíquico, ideação suicida, défices de atenção com hiperatividade e uso de medicação antidepressiva (Vaughn et al., 2009, cit. in Docherty et al., 2016); depressão e stresse psicológico (Kimonis et al., 2011); e impulsividade (Kahn et al., 2013 cit. in Docherty et al., 2016).

Em relação à violência e outras formas de agressão, estudos mostraram que os psicopatas secundários exibem tipicamente níveis mais altos de violência comparativamente aos primários. Por exemplo, Kimonis e colaboradores (2011) relataram que 92% dos psicopatas secundários cometeram violência institucional ao longo de um período de 2 anos, em comparação com 69,4% das psicopatas primários, e ainda que os psicopatas secundários são mais propensos a comportamentos agressivos enquanto reclusos (Poythress et al., 2010).

No âmbito da abordagem da avaliação da psicopatia primária e secundária surge o teste de Levenson (LSRPS), desenvolvido por Levenson, e colaboradores em 1995. O objetivo

seria avaliar a psicopatia. Consiste em uma escala curta de 26 itens que, segundo o mesmo, mostrou possuir alta consistência interna (α de = 0,63 a 0,85). As pontuações para cada item variam numa escala *Likert* de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente) e pontuações mais altas representam valores mais altos de psicopatia. Alguns itens são cotados inversamente para controlar alguns grupos de respostas. O constructo é avaliado nas duas dimensões: psicopatia primária e secundária, que são aproximadamente análogas aos Fatores 1 e 2 da PCL-R (Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995).

3. Conceptualização Triárquica

Uma abordagem mais recente consiste na conceptualização triárquica da psicopatia de Christopher J. Patrick (2009). Nesta abordagem, Patrick, Fowles e Krueger (2009) para classificar a perturbação da psicopatia revelam três traços comuns protuberantes: desinibição (*disinhibition*), ousadia (*boldness*) e crueldade (*meanness*).

Estas três características embora estejam relacionadas com o fenómeno da psicopatia e exibam semelhanças fenotípicas, podem ser conceptualizadas, medidas e compreendidas separadamente.

O constructo de ousadia é usado para caracterizar atitudes que envolvem uma capacidade de manter a calma e o foco nos acontecimentos que impliquem tensão ou ameaça, capacidade de recuperação do stress, eventos decisivos, alta autoconfiança, eficiência social e gosto pelo risco. Este traço pode ser analisado como o foco de dominação social, baixa reatividade ao stress e busca de aventura e sensações fortes. As manifestações comportamentais proeminentes da ousadia incluem sangue-frio, equilíbrio social, assertividade e persuasão, coragem, busca de sensações, arrojo, resiliência e resistência (Patrick, 2009).

A desinibição é usada para descrever uma tendência geral de dificuldades de controlo dos impulsos, implicando falta de planificação e previsão, falta de controlo na concretização dos desejos, insistência na recompensa imediata e restrição comportamental deficiente. Conceitos relacionados incluem essencialmente externalização e baixo controlo inibitório (Patrick, 2009). Manifestações comportamentais proeminentes da desinibição incluem irresponsabilidade, impaciência, atitudes e comportamentos impulsivos que levam a consequências negativas, alienação e desconfiança, agressividade, falta de confiabilidade,

propensão a problemas com drogas e álcool e aliciamento em outras atividades violadoras de normas (Krueger, Markon, Patrick, Benning, & Kramer, 2007).

Finalmente, a crueldade¹ é uma constelação de atributos fenotípicos, incluindo fraca empatia, desconsideração e falta de vínculos próximos com outros, rebeldia, procura de entusiasmo, exploração e capacitação através da crueldade. Os termos relacionados à crueldade incluem insensibilidade, frieza emocional e conflito. Com respeito às dimensões básicas do comportamento interpessoal (Wiggins, 1982), a crueldade pode ser vista como uma influência entre a alta dominância e afiliação (baixa).

O *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM) foi o instrumento de autorrelato desenvolvido para avaliar traços de personalidade psicopática em adolescentes (13 a 17 anos) e adultos (> 18 anos). O desenvolvimento deste instrumento baseou-se no Modelo Triárquico de Psicopatia, proposto por Patrick (2009), que descreve a externalização psicopática por meio dos três constructos supracitados. Cada um desses constructos é avaliado por uma das três subescalas do TriPM (20 itens para desinibição, 19 itens para ousadia e 19 itens para a crueldade).

Um estudo realizado por Wall e colaboradores (2016) teve como objetivo determinar se as dimensões representadas na conceptualização triárquica da psicopatia (Patrick et al., 2009) poderiam diferenciar as externalizações da psicopatia das dos transtornos da personalidade antissocial (TPAS). Os resultados indicam que a ousadia é fundamental para explicar as diferenças entre a TPAS e a psicopatia. Mais concretamente, a ousadia abrange características importantes de psicopatia interpessoal que não são captadas pelos critérios dos instrumentos de avaliação dos TPAS.

4. A Explicação da Psicopatia

Com a conceptualização da estrutura da personalidade psicopática surge inevitavelmente a necessidade de a compreender, tanto nas suas demonstrações fenotípicas como na sua origem e desenvolvimento.

Vários modelos optam por uma explicação biopsicológica do fenómeno, especialmente através do avanço da tecnologia (e.g., neuroimagem) e procuram a

¹S.f. *Perversidade; qualidade ou condição da pessoa cruel, de quem age com maldade, tirania, fazendo o mal; comportamento ou ação impiedosa, bárbara; falta de clemência* (Dicionário de Português Online, 2018).

compreensão da perturbação a partir de mudanças funcionais e morfológicas, em áreas cerebrais específicas em sujeitos com traços de psicopatia proeminentes (Koenings et al., 2011).

Blair (2005), expõe que os modelos principais para a explicação da psicopatia estão relacionados com (1) uma disfunção do lobo frontal; (2) a modulação do set de respostas; (3) uma disfunção do medo; (4) disfunção do mecanismo de inibição da violência e (5) disfunção dos sistemas emocionais integrados.

Através dos resultados obtidos em estudos no âmbito da neuroimagem, Blair (2005), concluiu que lesões ou disfunções das áreas orbito-frontal e ventrolateral aparentam estar relacionadas com o comportamento antissocial, aumentando assim o risco de agressividade reativa.

As anormalidades anatómicas do hipocampo e amígdala e grandes quantidades de matéria cinzenta no córtex frontal estão associadas à perturbação (Bocardi et al., 2010; Blair, 2008), nomeadamente nas externalizações fenotípicas do défice do medo, défice na inibição da violência e disfunções nos sistemas emocionais.

No que toca às deformidades anatómicas da região da amígdala, Blair (1995) propõe o Mecanismo de Inibição da Violência. Este mecanismo é ativado em situações perigosas, que originam uma inibição do comportamento do indivíduo. Todavia, nos indivíduos com psicopatia existe um défice no funcionamento deste mecanismo, o que inevitavelmente será um gerador de externalizações comportamentais impulsivas e antissociais.

No mesmo sentido, lesões ou disfunções na amígdala provocam falhas no reconhecimento do medo perante situações adversas, punitivas ou inibitórias que podem gerar alterações comportamentais: os indivíduos tornar-se-ão mais destemidos e impulsivos. O córtex pré-frontal, especificamente, o córtex ventromedial está intimamente relacionado com a esfera emocional (Damásio, 1994), implicando assim alterações nos sistemas emocionais e na sua externalização. Falhas nos sistemas emocionais poderão estar associadas a traços da personalidade como a crueldade.

No seguimento dos mecanismos comportamentais e inserido no domínio das teorias de aprendizagem e instinto animal, Gray (1970) propõe uma explicação para os comportamentos antissociais através de dois distintos sistemas: o *Behavioral Inhibition System* (BIS) e o *Behavioral Activation System* (BAS). O BIS, como o próprio nome indica, é o mecanismo de inibição comportamental, ao contrário do BAS, o sistema de ativação comportamental. De acordo com Cavalho-Netto (2009), o primeiro remete para

estímulos de novos e/ou e punitivos, o segundo remete para situações de afastamento e aproximação de fontes de perigo.

Ambos os sistemas funcionam em equilíbrio, o BAS é inibido pelo BIS em ocorrências de perigo ou punição. No entanto, em indivíduos psicopatas existe um desequilíbrio: o mecanismo BIS é pouco ativado; estas pessoas tendem assim a ser dominantes em situação de conflito e são mais resistentes e resilientes na extinção de determinados comportamentos – psicopatas podem assim, demonstrar baixa inibição comportamental, sendo reforçado pelo mecanismo indicado por Blair (1995).

O modelo de modulação de reposta está relacionado com a mudança de atenção. Quando estamos a realizar determinada tarefa/objetivo mantemos o foco atencional em determinada atividade, conseguimos mudar a nossa atenção rápida e deliberadamente de forma quase automática, orientando os nossos comportamentos para a realização da tarefa (e.g. ouvir um sinal sonoro e carregar num determinado botão). No entanto, nos psicopatas falha o processamento de informação periférica ao foco de atenção deliberada (Newman et al., 1997), podendo assim justificar o facto de não conseguirem, na maioria das vezes, estabelecerem planos a longo prazo e terem dificuldade na prossecução dos seus objetivos, características presentes na psicopatia secundária.

5. A Psicopatia no Presente

Na última versão do DSM (DSM-V, 2013), a perturbação da personalidade antissocial é descrita como um padrão persistente de desrespeito e violação dos direitos dos outros, que ocorre desde dos 15 anos (tendo o individuo ter de ter mais de 18 anos) e referindo que comportamento antissocial não ocorre exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou distúrbio bipolar, como indicado por três (ou mais) dos seguintes critérios:

- “1) Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de actos que constitui motivos de detenção.
- 2) Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou trapaça para ganho ou prazer pessoal.
- 3) Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
- 4) Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas
- 5) Descaso pela segurança de si ou de outros.
- 6) Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras

7) Ausência de remorsos, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas” (pp. 659)

Inserida neste tipo de perturbação antissocial, o DSM-V define que “...a psicopatia (ou psicopatia "primária") é marcada por ausência de ansiedade ou medo e por um estilo interpessoal audacioso que pode mascarar comportamentos mal-adaptativos (p. ex., fraudulência). Esta variante psicopática é caracterizada por baixos níveis de ansiedade (domínio da Afectividade Negativa) e retraimento (domínio do Distanciamento)”, ao contrário da psicopatia secundária, que é marcada por altos níveis de busca de atenção. “A intensa busca de atenção e o baixo retraimento capturam o componente de potência social (assertivo/dominante) da psicopatia, enquanto a baixa ansiedade captura o componente de imunidade ao stress (estabilidade emocional /resiliência)“ (pp. 765), estando já este último associado à psicopatia primária.

6. Psicopatia, Crime e Reincidência

Segundo Kagan e colaboradores (2004), os comportamentos criminais constituem comportamentos que refletem o desrespeito pelas regras sociais relacionadas com a propriedade e a vida e onde surjam ocorrências que envolvem violência, furto, burla, danos nas propriedades alheias, entre outros. Neste sentido, o crime pode demonstrar diferentes externalizações, do mesmo modo que também poderá ter diversas causas.

A agressividade é uma variável naturalmente associada à violência e à criminalidade, sendo um fator fortemente associado a determinadas perturbações psicopatológicas e a determinadas lesões fisiológicas (anteriormente referidas). A agressão é uma externalização comportamental que pode ser verbal ou física e normalmente de cariz ofensivo, que pode chegar até a provocar a morte (Scharfetter, 2002).

A conduta criminosa pode, também, estar associada a uma perturbação da personalidade que age como força impulsionadora da prática do crime. No caso da psicopatia, a presença de uma sensação de grandiosidade e de elevada impulsividade podem subsidiar a execução de atos criminosos (Johnstone & Cooke, 2006).

Num indivíduo com uma personalidade antissocial (e especialmente no caso da psicopatia), as pulsões agressivas são direccionadas pelas defesas primitivas e ambas auxiliam

na manutenção e proteção de um *self* grandioso (Kernberg, 1975); no caso do psicopata é um *self* magnificente e perverso, associado a características narcisistas.

Desse modo, a psicopatia está intrinsecamente relacionada com a criminalidade e com o crime violento. Os psicopatas criminosos em comparação com os criminosos não psicopatas têm mais acusações criminais e mais condenações por crimes violentos (Ballone & Ortolani, 2002).

Hare (1998) sustenta que a avaliação da psicopatia pode ajudar muito a melhorar a nossa capacidade de entender, prever e administrar comportamentos criminosos. O autor caracterizou a psicopatia como o “constructo clínico mais importante no sistema de justiça criminal” (p. 99).

Embora mais hesitantes na avaliação da importância da psicopatia no sistema de justiça criminal, Salekin e colaboradores (1996) concluíram que a PCL-R (Hare, 2003), poderia ser “inigualável”, para fazer avaliações de risco com reclusos. Numa extensa revisão da literatura, Andrews, Bonta e Wormith (2006) descobriram que a psicopatia, no contexto dos padrões de personalidade antissocial, era um dos quatro principais preditores de reincidência criminal, juntamente com TPAS.

De acordo com o Código Penal Português (cit. in Barbosa, Quadros & Ribeiro, 2012), considera-se um criminoso reincidente o indivíduo que comete dois ou mais crimes dolosos, independentemente do tempo transcorrido entre eles, ou de a esses crimes ser aplicável uma pena de prisão efetiva ou qualquer outra medida penal.

Uma vez que 50% dos crimes são cometidos pelos mesmos criminosos (Wolfgang, 1978, cit. in Barbosa, 2003), torna-se pertinente contribuir para a investigação e compreensão do fenómeno da reincidência criminal e de que forma a psicopatia poderá ser uma variável preditora do mesmo.

Abordar a reincidência criminal é investigar e compreender as razões que levam as pessoas a transgredir e, a partir delas, tomar medidas com o objetivo de prevenir novas situações, ou procurar eliminá-las (Goffman, 1961).

Atualmente, a investigação procura neste comportamento manifestações dos causadores de disposições antissociais (Marques-Teixeira, 2000^a, cit. in Barbosa, Quadros & Ribeiro, 2012). Esta noção remete para a influência da psicologia da personalidade e, posteriormente, para o conceito de personalidade antissocial – onde se incluem os criminosos com disposições persistentes para o comportamento antissocial no geral e criminal no particular. Nestes incluem-se sujeitos de personalidade psicopática, que tendem a apresentar atitudes antissociais mais persistentes constituindo a maioria da população reclusa (Lykken, 1995).

Alguns autores afirmam a presença da personalidade antissocial como um importante preditor da reincidência (para revisão, ver Gendreau et al., 1996, cit. in Barbosa, Quadros & Ribeiro, 2012). Loza (2003, cit. in Barbosa, Quadros & Ribeiro, 2012) cita ainda a psicopatia como fator de risco da reincidência.

Num estudo de Grann e colaboradores (1999) foi explorada a associação entre psicopatia e reincidência violenta num grupo sueco de agressores com transtornos de personalidade. Como nos estudos norte-americanos anteriores (e.g. Salekin et al., 1996), a psicopatia medida com a PCL-R foi estimada como um forte fator de risco para a reincidência violenta, com o dobro do risco em relação ao dos não-psicopatas. Nenhum dos fatores de risco conhecidos para o comportamento criminoso, como abuso/dependência de substâncias, transtorno de conduta na infância (American Psychiatric Association, 1994), número de condenações anteriores por crimes violentos, idade ou tipo ou duração da sentença poderia ser melhor preditor para a reincidência violenta do que a psicopatia. Ambos os fatores da psicopatia estavam associados ao aumento do risco de reincidência.

Por outro lado, num estudo de Walters (2012), sem a Faceta 4 (dimensão antissocial), a PCL-R pode não ser particularmente eficaz na previsão de reincidência geral e violenta. As três primeiras facetas do PCL-R (estilo de vida, interpessoal e afetivo) falharam em prever a reincidência em duas amostras separadas de reclusos do sexo masculino após as contribuições individuais da idade e história criminal terem sido retiradas.

Um constructo de importância primordial para o sistema de justiça criminal deve ter a capacidade de prever resultados (como a reincidência e a violência) fundamentais para a justiça criminal, acima e além das contribuições de medidas facilmente obtidas como idade e antecedentes criminais.

Estudo Empírico

1. Introdução e Hipóteses de Investigação

O presente estudo visa explorar a influência e impacto da psicopatia primária e secundária na reincidência criminal e no grau de violência dos crimes cometidos, assim como a preponderância dos respetivos traços da personalidade a ela associados (ousadia, crueldade e desinibição).

Um vez que psicopatia primária envolve traços insensíveis e a manipulação dos outros, acompanhados de uma capacidade intelectual normal, que pode prevenir a deteção de atos criminosos por parte do sistema jurídico-penal, é expectável que indivíduos com altas pontuações na psicopatia primária (no teste de Levenson) e altas pontuações no índice de crueldade (TriPM) tenham uma menor taxa de reincidência (menos prisões), ainda que pratiquem crimes considerados mais violentos (analisados numa escala de violência).

Considerando que psicopatia secundária envolve comportamentos impulsivos e falta de autocontrolo, espera-se que indivíduos que pontuem mais alto na psicopatia secundária (teste de Levenson), tenham valores mais elevados na desinibição e na ousadia (TriPM), e sejam indivíduos com uma maior taxa de reincidência criminal, ainda que tenham cometido crimes menos violentos.

Pretende-se, deste modo, aumentar a compreensão sobre perfis de personalidade psicopática na população forense, nomeadamente perceber de modo mais detalhado quem são estes indivíduos, e se diferenças nesses perfis podem estar associadas ao cometimento repetido de crimes e à violência neles exercida. Por outro lado, interessa obter pistas para orientar a vertente mais prática da intervenção com estes indivíduos, fornecendo pistas para o que pode estar a falhar no âmbito da prevenção, tratamento e reinserção destas pessoas e repensar as necessidades dos sistemas prisional e de reinserção social em Portugal.

Consideram-se, assim, como hipóteses (H) de investigação :

H1. A psicopatia primária, é um preditor significativo do número de condenações a pena de prisão (H1.1) e da violência e gravidade criminal (H1.2), sendo que quanto maior o índice de psicopatia primária, menor o número de condenações, mas maior o índice de gravidade criminal.

H2. A psicopatia secundária, é um preditor significativo do número de condenações a penas de prisão (H2.1), e da violência e gravidade criminal (H2.2), sendo que quanto maior

a pontuação de psicopatia secundária, maior o número de condenações mas menor a gravidade e violência dos crimes.

H3. O traço da desinibição é um preditor significativo do número de condenações a pena de prisão, sendo que quanto maior a desinibição, maior o número de condenações.

H4. A crueldade é um preditor significativo da violência e gravidade criminal, sendo que quanto maior a crueldade, maior a violência e gravidade criminal.

H5. A ousadia é um preditor significativo do número de condenações a pena de prisão (H5.1) e da violência e gravidade criminal (H5.2), sendo que quanto maior a ousadia, menor o número de condenações e maior a violência e gravidade criminal

2. Metodologia

2.1. Amostra

A amostra, recolhida por conveniência é constituída por 52 indivíduos, todos do sexo masculino, entre os 24 e os 60 anos ($M = 38.7$; $D = 8.61$). A escolaridade varia entre a ileteracia e o 12º ano concluído com sucesso ($M = 6.47$; $DP = 2.53$). Todos os indivíduos são reclusos no Estabelecimento Prisional do Porto, condenados por vários crimes, tais como furto, homicídio, tráfico, violência doméstica, etc. Seis dos indivíduos são reclusos primários, isto é, primeira condenação a pena de prisão efetiva, e os restantes são reclusos reincidentes, tendo entre duas e oito condenações a pena de prisão efetiva ($M = 2.09$; $DP = 1.53$).

2.2. Instrumentos

The Triarchic Psychopathy Measure (TriPM, Patrick e et al., 2009; versão portuguesa para investigação de Vieira et al., 2011). Trata-se de um questionário de auto-relato com um total de 58 itens organizados numa escala de Likert de 4 pontos. Está dividido em subescalas avaliativas dos três construtos fenotípicos da psicopatia propostos por Patrick e colaboradores (2009): desinibição (*disinhibition*), ousadia (*boldness*) e crueldade (*meanness*). Para a sua cotação é efetuada a soma de acordo com a opção de resposta selecionada (verdadeiro = 3; moderadamente verdadeiro = 2, moderadamente falso = 1 ; falso = 0) codificada de 3 a 0.

A existência de itens invertidos implica que a sua cotação seja também efetuada invertidamente, pelo que em dezassete itens a cotação é a seguinte: verdadeiro = 0; moderadamente verdadeiro = 1; moderadamente falso = 2 e falso = 3.

Esta escala fornece a pontuação total e a pontuação dos três fatores da estrutura de personalidade psicopática segundo a concepção triárquica supracitada.

A *Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS; Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995; versão portuguesa para investigação de Barbosa et al., 2014)*. O teste de Levenson consiste numa escala de autorrelato com um total de 26 itens organizados numa escala de *Likert* de 4 pontos (Discordo totalmente = 1, Discordo = 2, Concordo = 3, Concordo totalmente = 4).

Para procedermos à sua cotação são somados os pontos correspondentes (variando de um a quatro consoante a opção de resposta). Há igualmente itens invertidos, onde a cotação da pontuação passa a 4 para “Discordo Totalmente”; 3 para “Discordo”; 2 para “Concordo” e 1 para “Concordo Totalmente”.

Esta escala fornece a pontuação total e a pontuação de dois factores: factor 1, psicopatia primária e factor 2, psicopatia secundária.

2.3. Procedimento

Recolha de dados. A recolha de dados decorreu entre Abril de 2018 e Setembro de 2018 no Estabelecimento Prisional do Porto (EPP). A amostra foi selecionada por conveniência: inicialmente efetuou-se uma análise aos *dossiers* institucionais de vários reclusos, procurando dados que pudessem indicar personalidade psicopática e/ou comportamentos impulsivos. Outra parte da amostra foi selecionada por indicação dos técnicos de reeducação e a restante por indicação dos chefes das alas prisionais do EPP.

Foram aplicados aos respetivos reclusos o teste de Levenson e o teste TriPM. Cada recolha teve a duração média de 45-55 minutos, dependendo do desempenho individual de cada participante. As recolhas decorreram numa sessão única individual, em espaços de reduzido ruído e com boas condições de luminosidade e temperatura (gabinetes técnicos de cada pavilhão do EPP).

A todos os indivíduos que concordaram em participar, foi solicitado o preenchimento do consentimento informado (cf. Apêndice 1) no início do protocolo experimental e dada a garantia do total anonimato dos dados.

Depois de aplicados os testes, efetuou-se uma análise de caracterização dos respetivos participantes. Através da plataforma “Sistema Interno Prisional” (SIP), disponível

num computador da secção de reclusos do EPP, foram recolhidas informações sobre cada um dos participantes, como a idade, estado civil, etc. Foram ainda recolhidas as informações respetivas às condenações de cada um (crimes cometidos e pelos quais já tivessem sido condenados).

Tornou-se então necessário avaliar a gravidade e violência dos crimes pelos quais os indivíduos estavam condenados. Em Minnesota, como em outros estados dos EUA, as ofensas criminais são ordenadas por categoria como forma de distinguir aproximadamente a sua gravidade da ofensa. As quatro ordens de gravidade em Minnesota (2007) são:

- 1) *Petty Misdemeanor* – e.g. Tráfico; Ameaça;
- 2) *Misdemeanor* – e.g. Condução sem habilitação legal (perigosa ou sob efeito de álcool); Ofensa à integridade física leve; Injúria;
- 3) *Gross Misdemeanor* – e.g. Roubo; Furto;
- 4) *Felony* – e.g. Crimes de condutas sexuais; Homicídio.

Assim, a violência e gravidade dos crimes foi cotada numa escala de Likert de 1 a 4 pontos, consoante os crimes cometidos pelos participantes. Para a classificação do grau de violência daqueles indivíduos que cometeram mais que um crime, foi considerado o valor cotado na escala do crime mais grave. Por exemplo, se o indivíduo cometeu furto (1 ponto), condução sem habilitação legal (2 pontos) e homicídio (4 pontos), a gravidade e violência dos crimes praticados por este indivíduo será de 4 pontos.

2.4. Procedimento estatístico e análise de dados

Finalmente, quando toda a informação já estava recolhida passou-se à cotação dos respetivos testes, avaliação da gravidade dos respetivos crimes e a criação de uma base de dados na plataforma Excel, posteriormente transposta para o programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* versão 21.0 (SPSS, *IBM Statistics*) para análise estatística.

3. Resultados

3.1. Estatísticas descritivas

Relativamente às variáveis analisadas obteve-se uma média total na pontuação de psicopatía primária de 33 pontos ($M = 32.6$; $DP = 6.40$) e na pontuação de psicopatía secundária de 22 pontos ($M = 22.2$; $DP = 5.44$). A média total da pontuação dos participantes no teste de Levenson foi de 68 pontos ($M = 67.9$; $DP = 19.1$).

Já na pontuação do TriPM, a média da pontuação total no presente estudo foi de 54 pontos ($M = 54.4$; $DP = 8.78$). No que toca ao traço da desinibição a média foi de 28 pontos ($M = 28.4$; $DP = 13.9$), da ousadia foi de 28 pontos ($M = 28.0$; $DP = 7.65$) e da crueldade foi de 13 pontos ($M = 12.8$; $DP = 7.71$).

3.2. Medidas de consistência e fidelidade da escala

Relativamente ao índice de consistência interna do teste de Levenson, obteve-se um α de .86 ($n^2 = 26$) para todos os itens da escala global, $\alpha = .79$ ($n = 16$) na psicopatía primária e $\alpha = .82$ ($n = 10$) na psicopatía secundária. No que toca ao índice de consistência interna do total de itens da escala global do TriPM, obteve-se um $\alpha = .81$ ($n = 58$). Nas subescalas obteve-se um $\alpha = .73$ ($n = 19$) na ousadia; um $\alpha = .83$ ($n = 19$) na crueldade e um $\alpha = .82$ ($n = 20$) na desinibição.

3.3. Teste às hipóteses

Para proceder à análise estatística e teste às hipóteses de investigação tornou-se necessário realizar análises de regressão linear múltipla. Desse modo, testou-se se os pressupostos para utilização desse método estatístico se verificam, pois quando os pressupostos se verificam existe uma maior probabilidade dos resultados do modelo poderem ser inferidos para a população; quando os mesmos são violados deixamos de poder obter conclusões precisas sobre a realidade (Field, 2015).

Começou-se por garantir a normalidade dos grupos (teste de Shapiro-Wilk, através da inspeção visual de histograma e ponderação dos valores de assimetria e curtose) e a homogeneidade das variâncias (teste de Levene). Foram ainda assegurados os pressupostos da multicolinearidade através da estatística VIF, verificando a não existência de fortes correlações entre as variáveis preditoras, e a homocedasticidade através da variância dos resíduos (sendo estes constantes). Finalmente, foi assegurada a linearidade e os erros independentes, não estando os termos residuais correlacionados.

Com o objetivo de testar as hipóteses de investigação formuladas, procedemos à realização de quatro modelos independentes de regressão linear múltipla:

Modelo 1. De forma a testar se a psicopatía primária prediz significativamente o número de prisões (H1.1) e se a psicopatía secundária prediz significativamente o número

² Número de itens de avaliação da escala

de prisões (H2.1) foi elaborado um modelo de regressão linear múltipla entrando com a psicopatia primária e psicopatia secundária como variáveis preditoras e o número de condenações como variável de resultado. Este modelo não se revelou significativo, $Adj. R^2 = -.013$; $F(2,49) = 0.67$, $p = 0.52$. Nenhuma das variáveis preditoras possui uma capacidade estatisticamente significativa para prever a variável resultado. Estes resultados rejeitam as hipóteses a serem analisadas por este modelo de regressão.

Modelo 2: com o objetivo de testar se a psicopatia primária é significativamente preditora da gravidade e violência criminal (H1.2) e se a psicopatia secundária prediz significativamente a gravidade e violência criminal (H2.2), entrou-se com as duas variantes de psicopatia como variáveis preditoras e a gravidade/violência criminal como variável de resultado num modelo de regressão linear múltipla. Este modelo não se revelou significativo, demonstrando, $Adj. R^2(aj) = -.018$; $F(2,49) = 0.56$, $p = 0.58$. Nenhuma das variáveis preditoras possui uma capacidade estatisticamente significativa para prever a variável resultado. Estes resultados rejeitam as hipóteses a serem analisadas por este modelo de regressão.

Modelo 3. Para se testar se a desinibição (H3) e se a ousadia (H5.1) predizem significativamente o número de condenações a pena de prisão efetuou-se um modelo de regressão linear múltipla entrando com as duas primeiras variáveis como preditoras e com o número de condenações como variável de resultado. Este modelo não se revelou significativo, demonstrando um $R^2(aj) = -.031$; $F(2,49) = 0.24$, $p = 0.79$. Nenhuma das variáveis preditoras possui uma capacidade estatisticamente significativa para prever a variável resultado associada a ambas as hipóteses supramencionadas. Estes resultados rejeitam as hipóteses a serem analisadas por este modelo de regressão.

Modelo 4. Finalmente, pretendendo verificar as hipóteses H4 e a H5.2 (influência da desinibição, crueldade e ousadia na gravidade dos crimes cometidos), foi elaborado um novo modelo de regressão linear múltipla (cf. Tabela 2). Este modelo revelou-se significativo e os preditores incluídos nesta análise explicam uma variância de 17% da variância da variável resultado - $R^2(aj) = 0.17$; $F(3,48) = 4.47$, $p = .008$. A variável Crueldade é a única inserida no modelo que prediz significativamente a gravidade dos crimes cometidos e a violência criminal ($\beta = -.421$, $p = .003$). Por outro lado, as variáveis Desinibição ($\beta = -.076$, $p = .57$) e Ousadia ($\beta = -.080$, $p = .54$) não se revelaram preditores significativos da variável resultado.

Os resultados confirmam apenas parcialmente a hipótese H4 a ser testada com este modelo e rejeita a hipótese H5.2.

Tabela 2.

Modelo de Regressão para testar a capacidade preditiva da crueldade... sobre a gravidade/violência dos crimes praticados

| | <i>Coefficiente</i> | <i>Erro Padrão</i> | β | <i>t</i> | <i>p.</i> | <i>95,0% C</i> | <i>r</i> | <i>VIF</i> |
|-------------|---------------------|--------------------|---------|----------|-----------|-----------------|----------|------------|
| Desinibição | -,005 | ,009 | -,076 | -,570 | ,571 | -,024 - .013 | -,192 | 1,10 |
| Crueldade | -,053 | ,017 | -,421 | -3,11 | ,003 | -,087 – (-.019) | -,456 | 1,13 |
| Ousadia | -,010 | ,017 | -,080 | -,612 | ,544 | -,043 - .023 | -,143 | 1,04 |

3.4. Análises Acessórias

Com o objetivo de verificar se as variáveis demográficas associadas à amostra em questão poderiam ser, ou não, preditoras da gravidade e violência dos crimes e do número de prisões, foram efetuados dois modelos de regressão linear múltipla acessórios. O Modelo 1 para verificar se as variáveis estado civil (enquanto medida de relações de intimidade), escolaridade e idade eram significativamente preditoras do número de condenações a pena de prisão e o Modelo 2 para se verificar se o estado civil, a idade e a escolaridade eram significativamente preditoras da gravidade e violência dos crimes cometidos pelos reclusos. O Modelo 1 revelou-se significativo (cf. Tabela 3) e os preditores incluídos nesta análise explicam uma variância de 9.6% da variância da variável resultado - $R^2(aj) = .096$; $F(3,47) = 2.77$, $p = .05$. A variável Estado Civil ($\beta = -.355$, $p = .030$) e a variável Idade ($\beta = .430$, $p = .009$) predizem significativamente a reincidência. Por outro lado, a variável Escolaridade ($\beta = -.057$, $p = .677$) não se revelou uma preditora significativa da variável resultado.

Tabela 3.

Modelo de Regressão para testar a capacidade preditiva das relações de intimidade... sobre o número de condenações

| | <i>Coefficiente</i> | <i>Erro Padrão</i> | β | <i>t</i> | <i>p.</i> | <i>95,0% C</i> | <i>r</i> | <i>VIF</i> |
|--------------|---------------------|--------------------|---------|----------|-----------|-----------------|----------|------------|
| Estado Civil | -.541 | .242 | -.355 | -2.23 | .030 | -1.03 – (-.054) | -.131 | 1,40 |
| Idade | .082 | .030 | .430 | 2.72 | .009 | .021 – .142 | .149 | 1,38 |
| Escolaridade | -.035 | .083 | -.057 | -.419 | .677 | -.203 – .133 | .006 | 1,03 |

O Modelo 2 revelou-se significativo (cf. Tabela 4) e os preditores incluídos nesta análise explicam uma variância de 13.9% da variável resultado - $R^2(aj) = .139$; $F(3,47) = 3.69$, $p = .018$. A variável Estado Civil ($\beta = .355$, $p = .009$) prediz significativamente a gravidade e violência dos crimes cometidos. Por outro lado, a variável Escolaridade ($\beta = -$

.027, $p = .838$) e a variável Idade ($\beta = -.023$, $p = .880$) não se revelaram preditores significativos da variável resultado.

Tabela 4.

Modelo de Regressão para testar a capacidade preditiva do das relações de intimidade... sobre a gravidade/violência dos crimes praticados

| | <i>Coefficiente</i> | <i>Erro Padrão</i> | β | <i>t</i> | <i>p.</i> | <i>95,0% C</i> | <i>r</i> | <i>VIF</i> |
|--------------|---------------------|--------------------|---------|----------|-----------|----------------|----------|------------|
| Estado Civil | .389 | .143 | .420 | 2.71 | .009 | -1.00 – .677 | -.402 | 1,40 |
| Idade | .003 | .018 | .023 | .151 | .880 | -.033 – .038 | .110 | 1,38 |
| Escolaridade | -.010 | .049 | -.027 | -.206 | .838 | -.109 – .089 | -.075 | 1,03 |

4. Discussão

No presente estudo, analisámos a relação entre a psicopatia, designadamente diferentes estruturas de personalidade psicopática, e a reincidência criminal, por um lado, e a violência e gravidade dos crimes praticados, por outro.

De acordo com Hare e McPherson (1984), os crimes e comportamentos dos psicopatas são mais violentos e agressivos do que os de outros criminosos. Aliás, o mesmo refere que considerando a natureza da psicopatia, não é de surpreender que os psicopatas criminosos cometam geralmente mais crimes e sejam mais propensos à reincidência do que outros tipos de criminosos.

No entanto, os resultados sugerem que nem os níveis de psicopatia primária e secundária, nem das suas diferentes facetas (*meanness*, *boldness* e *disinhibition*) estão significativamente relacionados com a reincidência criminal, não permitindo confirmar que a psicopatia primária é uma variável preditora da reincidência, nem que a psicopatia secundária é uma variável preditora da reincidência. Os resultados obtidos também não confirmam que a desinibição ou a ousadia são variáveis significativamente predictoras da reincidência, aqui medida pelo número de condenações a pena efetiva de prisão.

Como referido por Johnstone e Cooke (2006), a conduta criminosa pode, também, estar associada a uma perturbação da personalidade que age como força impulsionadora da prática do crime, estando a psicopatia intrinsecamente relacionada com a criminalidade e com o crime violento. Segundo Ballone e Ortolani (2002), os psicopatas criminosos em comparação com os criminosos não-psicopatas têm não só mais acusações criminais, como

também mais condenações por crimes violentos. No entanto, os testes estatísticos por nós efetuados para verificar a predição da violência através da psicopatia e dos traços subjacentes da personalidade, mostraram-se não significativos no que respeita às variantes primária e secundária da psicopatia e, embora tivéssemos encontrado um efeito significativo para o papel preditor das diferentes facetas da psicopatia sobre a gravidade/violência do comportamento criminal, esse efeito deve-se exclusivamente à crueldade, não se confirmando para as outras duas facetas (ousadia e desinibição).

De acordo com Cleckley (1988), é possível que sujeitos com défices nas dimensões interpessoal e afetiva (mas com pouca preponderância à violência), não desenvolvam comportamentos violentos e levem uma vida normal, transformando-se em psicopatas de sucesso.

4.1. Psicopatia na Comunidade e na Prisão

Existem estudos (Gendreau et al., 1996, cit. in Barbosa, Quadros, & Ribeiro, 2012; Salekin et al., 1996) que sustentam as hipóteses de investigação, referindo a influência da psicopatia na gravidade e reincidência criminal. Não obstante, outros estudos demonstram o contrário através dos dados reportados, e que a seguir se sumarizam, pela aplicação e análise dos resultados dos testes de Levenson e do TriPM.

Em 2008, Walters e colaboradores aplicaram o teste de Levenson a uma amostra de 1972 reclusos (sexo masculino e feminino) num estabelecimento prisional em Washington DC. De acordo com os resultados obtidos, a média total de psicopatia primária foi de 29 ($DP = 7.60$) e a pontuação de psicopatia secundária de 21 pontos ($DP = 5.64$).

Por outro lado, Kelsey e colaboradores (2015) aplicaram o mesmo teste numa amostra de indivíduos masculinos “recrutados da população em geral” no estado do Texas (EUA). Classificaram os resultados obtidos em duas categorias distintas: *LSRP Moderada Psicopatia* (correspondente a uma pontuação média de 57 pontos ($DP = 12.6$), sendo a média de psicopatia primária de 34 pontos ($DP = 8.64$) e a pontuação de psicopatia secundária de 23 pontos ($DP = 5.87$) e *LSRP Alta Psicopatia* (correspondente a uma média de 60 Pontos ($DP = 12.4$), sendo a média de psicopatia primária de 36 pontos ($DP = 8.46$) e a pontuação de psicopatia secundária de 24 pontos ($DP = 5.53$).

Num estudo desenvolvido por Sellbom e Laurinavicius (2018), foi aplicado o TriPM a uma amostra de 99 reclusos masculinos numa instituição prisional situada na Lituânia. A média da pontuação total de psicopatia relativa ao traço da desinibição foi de 44 ($M = 43.5$;

$DP = 11.5$), da ousadia de 46 ($M = 46.2$; $DP = 7.77$) e da crueldade de 34 ($M = 33.76$; $DP = 9.48$).

Um outro estudo realizado em Itália, o mesmo teste foi aplicado a uma amostra comunitária com 286 participantes. A amostra estava dividida em indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino. Os indivíduos do sexo masculino apresentaram valores mais altos em todos os traços de psicopatia (Ousadia: $M = 50.7$; $DP = 7.10$; Desinibição: $M = 36.5$; $DP = 7.40$; Crueldade: $M = 36.0$; $DP = 7.10$), obtendo um total de 123 pontos na escala global ($DP = 13.4$), comparativamente ao grupo feminino que obteve 112 pontos ($DP = 13.4$) na pontuação global. No que respeita ao traço da desinibição a pontuação foi de 35 ($M = 35.4$; $DP = 6.3$), da ousadia de 46 ($M = 46.0$; $DP = 7.7$) e da crueldade de 31 ($M = 31.0$; $DP = 6.1$) (Sica et al., 2015).

Tabela 5.

Comparação das médias das pontuações de psicopatia de estudos em amostras comunitárias e dos resultados obtidos no presente estudo

| | Levenson | | | TriPM | | | |
|-------------------------------|---------------------|-----------------------|-------|---------|-------------|-----------|-------|
| | Psicopatia Primária | Psicopatia Secundária | Total | Ousadia | Desinibição | Crueldade | Total |
| Estudos Amostras Comunitárias | 35 | 24 | 59 | 51 | 37 | 36 | 123 |
| Presente Estudo | 33 | 22 | 68 | 28 | 28 | 13 | 54 |

Através dos resultados obtidos, tanto em estudos anteriores como no presente estudo, podemos equacionar (senão concluir) que é possível obter níveis mais elevados de psicopatia no seio da comunidade do que no interior de estabelecimentos prisionais (cf. Tabela 5).

Não existem valores consensualmente admitidos relativamente à incidência de psicopatia fora da prisão, mas é estimado que seja aproximadamente 0.6-1% na comunidade em geral (Hare, 2003) e 3.5% no mundo dos gestores executivos (Babiak & Hare, 2006).

Claramente que existe um enviesamento sobre o constructo, contribuindo para uma perspetiva criminosa sobre o mesmo, uma vez que grande parte dos estudos sobre a psicopatia foram realizados em contexto de reclusão. No entanto, a psicopatia não se cinge unicamente à cadeia, sendo comum a sua presença na população em geral (Cleckley, 1988).

Desse modo, é provável que sujeitos com altos défices nas dimensões afetiva e interpessoal da psicopatia, mas menos preponderantes ao desenvolvimento de

comportamentos criminosos, dirijam a sua vida de modo normativo, conferindo-lhes assim a denominação de psicopatas de sucesso (Gummelt, 2010) ou psicopatas bem-sucedidos.

4.2. Psicopatas Bem-Sucedidos

Um psicopata bem-sucedido é um indivíduo potencialmente manipulador e mentiroso patológico. De acordo com Ishikawa e colaboradores (2001), estes indivíduos têm um bom funcionamento executivo e uma empatia cognitiva elevada, demonstrando ser indivíduos com uma capacidade de conexão e manipulação superior à dos outros. Como tal, a faceta 1 (Hare, 2003) da psicopatia (superficialidade, mentira patológica/manipuladora) vem sendo vista em psicopatas bem sucedidos, enquanto os traços da faceta 4 (como falta de autocontrolo, delinquência e versatilidade criminal) são neles menos evidentes.

Percebemos, assim, que em vez de dar origem ao estilo de vida criminoso clássico (nomeadamente o mais grave e violento) os psicopatas bem-sucedidos são vistos como mais propensos a demonstrar comportamento agressivo psicológico interpessoal (Schmeelk et al., 2008). Devido às suas capacidades interpessoais e um bom funcionamento executivo, é expectável que sejam mais tendentes a expressar as suas características psicopáticas no nível do crime de colarinho branco do que da agressão física comum (típica de psicopatas criminosos).

Na atualidade, uma elevada percentagem da população classifica de forma estigmatizante os criminosos como detentores de uma personalidade psicopata. Não obstante, segundo Rauter (2007) temos consciência que o estigma do criminoso é produzido pelo próprio mecanismo da criminalização nos seus inúmeros elementos e não a partir dos atos criminosos cometidos ou, neste caso, das próprias características subjacentes à personalidade de quem os cometeu.

Os psicopatas de sucesso são assim definidos como indivíduos com características psicopáticas vincadas, mas que evitam a condenação pelos seus atos eventualmente criminosos (Gao & Raine, 2010). Devido às suas características da personalidade, os psicopatas bem sucedidos têm tendência a optar por certas profissões. De acordo com Dutton (2012), existe uma taxa mais elevada de psicopatia presente entre, por exemplo, *CEO*³s, advogados, comerciantes, jornalistas, polícias, sacerdotes religiosos... Reflectindo, concluímos que para um bom desempenho nestas profissões são necessárias determinadas características da personalidade (como as que são propostas por Hare, 1991), tais como:

³ *Chief Executive Officer*, director executivo

loquacidade/charme superficial; sentido grandioso de auto-estima; manipulação, entre outras. Na versão mais recente do DSM (DSM-V)⁴ estão presentes o “fracasso na conformação às normas sociais com relação a comportamentos legais”; assim como a “tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou trapaça para ganho ou prazer pessoal.” (pp. 659).

4.3. Psicopatia e Crime

Como referido por Salekin e colaboradores (1996) o instrumento mais popular de avaliação da psicopatia, a PCL-R (Hare, 2003), é um excelente instrumento para fazer avaliações de risco com reclusos. Andrews, Bonta e Wormith (2006) afirmaram que a psicopatia, no contexto dos padrões de personalidade antissocial era um dos principais preditores de reincidência criminal. No entanto, no nosso estudo, nenhum dos traços de psicopatia (*boldness*, *meanness* e *disinhibition*) se mostrou significativo na predição da reincidência criminal.

Logo, não se podendo concluir que características vincadas de psicopatia levem ao envolvimento reiterado em comportamentos criminais e a sucessivas condenações pelos mesmos, importa pensar nos comportamentos antissociais como reflexo de outras variáveis, designadamente do contexto onde os indivíduos se inserem e desenvolvem (Dindo & Fowles, 2011).

Por outro lado, ao analisarmos a relação entre os traços da psicopatia e o nível de violência e gravidade dos crimes era expectável que a crueldade fosse uma potencial preditora da violência. Esse efeito foi encontrado, mas os resultados sugerem que os indivíduos que reportam níveis mais baixos de crueldade são os que se encontram condenados (ou foram condenados) pelos crimes mais violentos, tais como violência doméstica e homicídio (simple e/ou qualificado). Surge, então, a necessidade de explorar a razão destes resultados.

4.4. O Meio e a sua Influência

A influência contextual é inegável no âmbito da agressividade e do crime. As variáveis sociais e culturais contribuirão para o aumento da frequência de comportamentos antissociais aumentando substancialmente com o tempo. O comportamento delinvente tem

⁴ Para revisão, ver página 9.

vindo a ser aprendido no seio familiar, assim como a crescente identificação com determinadas estruturas sociais desviantes, por parte dos jovens (Kagan, 2004).

Para Thornberry e Krohn (2000) apesar de as dimensões associadas ao carácter e à personalidade poderem estar na origem do comportamento antissocial precoce, os aspetos orgânicos, neuronais e psicológicos evidenciaram uma probabilidade diminuta de serem gerados em idade prematura e, por consequência, despoletarem uma conduta antissocial. Sob o olhar de uma perspetiva interaccionista, a preponderância biológica em articulação com o contexto ecossocial é a provável origem para um estilo comportamental antissocial. Desse modo, a inserção do indivíduo em meios nocivos, aliada à presença de certas propensões biopsicológicas, pode criar as condições para estilos comportamentais de cariz antissocial.

A influência do ambiente resulta na criação de certos padrões comportamentais (e.g. indivíduos que se tornam delinquentes apenas na adolescência ou idade adulta). É sabido que muito indivíduos, após manifestarem um bom ajustamento social na infância, começam a apresentar padrões antissociais na adolescência, isto é quando as figuras de vinculação e autoridade começam a permitir a sua autonomização. Neste período, essas mesmas figuras passam a perder a sua influência em detrimento dos pares, que podem promover e reforçar a desviância comportamental.

Nesse mesmo sentido, questiona-se se as figuras de vinculação, do mesmo modo que são inerentemente fatores de proteção na prevenção da conduta antissocial, não poderão ser também fatores de proteção na prevenção da violência e na conduta criminal. Através dos resultados obtidos nas análises acessórias (Modelo 2) a variável Relações de Intimidade é significativamente preditora da gravidade e violência criminal, estando negativamente correlacionadas. Uma vez que esta variável foi medida através da recodificação do estado civil em 1 = "Solteiro"; 2 = "Divorciado"; 3 = "União de Facto" e 4 = "Casado", podemos equacionar que quanto maior o nível de proximidade e intimidade com um/a companheiro/a, menor a gravidade e violência criminal. No entanto, não deixa de se tornar pertinente explorar a natureza e qualidade destas mesmas relações.

Para uma compreensão da rejeição da H3 (o traço da desinibição é um preditor significativo do número de prisões, sendo que quanto maior a desinibição, maior o número de penas prisões) seria fundamental analisar variáveis associados ao contexto social, familiar, escolar e laboral dos participantes, assim como o histórico de saúde mental e físico e averiguar os seus percursos desenvolvimentais, para compreender de que modo poderão ter adaptado os seus mecanismos de controlo dos impulsos.

4.5. Desejabilidade Social e Estigma

Uma vez que a crueldade é significativamente preditora da gravidade e violência do crime (estando negativamente correlacionados), isto significa que quanto mais grave e violento o crime, menos cruel se autorreporta o ofensor, infirmando a hipótese de que quanto maior a crueldade, maior a violência e gravidade criminal.

Segundo Gonçalves e Gonçalves (2012), verifica-se desconfiança quanto à utilização de instrumentos de autorrelato na investigação da população prisional, porquanto neste grupo de indivíduos e nas condições em que se encontram, proporciona-se o aparecimento do fenómeno de desejabilidade social nas respostas. O próprio estigma sobre a população reclusa pode reforçar a tendência de desejabilidade social nas respostas.

O estigma, para Goffman (1980), representa uma (ou mais) característica depreciativa, atribuída a pessoas que se afastam dos padrões normativos socialmente determinados. As características de determinado indivíduo estigmatizado acabam por fazê-lo sentir descrédito social. Assim como garante Becker e os pressupostos da “teoria da rotulagem”, Goffman afirma que estas características não são, intrinsecamente, positivas ou negativas, mas surgem do contexto social e são definidas culturalmente. Emergem das interações sociais (Goffman, 1980).

A estigmatização acaba por originar a emergência do fenómeno da desejabilidade social, que é utilizada para representar tendências de distorção de questionários de autorrelato num sentido favorável, negando, assim, traços e comportamentos socialmente indesejáveis (Furnham, 1986).

Barreira (2015), apresenta alguns excertos da comunicação social, que demonstram a crueldade e a violência de mãos dadas:

“Adolescentes ateam fogo em homem vivo em Ipueiras-CE” (Diário do Nordeste, 12 Jun. 2014). “Adolescente confessa ter ateadado fogo em dentista” (Diário do Nordeste, 27 Abr. 2013). “Deficiente é morto a pedradas por causa de dívida de R\$ 25” (Diário do Nordeste, 04 Dez. 2011). “Família assassinada a golpes de faca e foice” (Diário do Nordeste, 11 Out. 2007). “Jovem é baleado e bandidos impedem socorro” (O Povo, 12 Fev. 2011). “Casal de empresários é assassinado com requintes de crueldade em casa de veraneio” (O Povo, 13 Jul. 2010).

As notícias que retratam crimes considerados expressão da crueldade incluem mortes provocadas por asfixia, espancamentos, instrumentos cortantes ou fogos ateados em corpos ainda vivos. As descrições exprimem detalhes: “a vítima teve o lado esquerdo da face esmagado”, “eles golpearam a vítima com o garfo de churrasco, no pescoço, nas costas e nas pernas”, “a vítima foi enterrada viva, depois de estuprada e agredida”, “um garoto de três anos foi morto a pauladas e sua irmã de apenas um ano e três meses espancada até a morte” (pp.59).

Da mesma forma, seria de esperar que os psicopatas (especialmente os de crueldade mais vinculada, pelos seus défices emocionais) se envolvessem em crimes violentos e outras formas de agressividade comportamental em maior escala do que outros criminosos (Hare e McPherson, 1984). Deste modo, podemos suspeitar da possibilidade de estes resultados estarem sob a máscara da deseabilidade social e, conseqüentemente, se suportarem em respostas enviesadas.

Uma outra possibilidade remete para a possibilidade de uma variável preditora da violência ser outra que não a crueldade, como por exemplo défices, anomalias e/ou disfunções acentuadas no córtice pré-frontal que levem a dificuldades de controlo dos impulsos, ainda que tal possibilidade não seja corroborada pelos resultados relativos à faceta da desinibição.

Em suma, a psicopatia, pelo menos tal como foi avaliada neste estudo e na amostra que foi investigada, não aparenta ser um constructo com a capacidade de prever resultados de importância primordial para o sistema de justiça criminal, como a reincidência e a violência) ou, pelo menos, não o faz acima e além das contribuições de medidas facilmente obtidas como idade e antecedentes criminais.

5. Implicações e Direções Futuras

Uma limitação deste estudo espelha-se essencialmente no tamanho da amostra, que é relativamente pequena. Outra questão remete-se para o facto de os questionários serem ambos aplicados numa única sessão contínua, o que devido ao tempo despendido no seu preenchimento, provoca uma diminuição substancial na concentração, motivação e paciência nos participantes.

Pode ainda existir uma influência nos resultados obtidos, por parte de perturbações mentais que não foram despistadas, ou da recolha de dados ter sido sob o efeito de consumo de estupefacientes, apesar de nenhuma destas condições aparentar esta presentes, quer à vista desarmada, quer por consulta aos registos individuais.

Cabe ressaltar que, independentemente de poder ocorrer uma forte preponderância psicobiológica por detrás do fenómeno da psicopatia, existem algumas variáveis do contexto que não foram investigadas e importa não menosprezar, uma vez que podem eventualmente contribuir para as manifestações comportamentais da estrutura de personalidade psicopática

se tornarem mais proeminente ou, pelo contrário, para favorecer a sua inibição (Hicks et al., 2012), como por exemplo, o padrão de vinculação (Patrick et al., 2009).

Por fim, sugere-se como linha de investigação futura, além da utilização de uma amostra forense, o recurso a uma amostra proveniente da comunidade, como grupo controlo. O objetivo seria tornar passível uma comparação intergrupar dos resultados obtidos. Por outro lado, que permitiria estudar e caracterizar a psicopatia sem a influência de fatores e variáveis associadas à reclusão. Seria ainda fundamental que se aplicasse uma escala que permitisse controlar o fenómeno de desejabilidade social, como por exemplo, Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (EDSMC), desenvolvida por Marlowe e Crown em 1961. Seria útil, ainda, completar o estudo com a recolha de informação sobre variáveis de índole familiar, educativo e social, mas sem esquecer outras variáveis do funcionamento psicobiológico, que podem obrigar ao recurso de tecnologias como a neuroimagem, para se conseguir uma análise mais aprofundada de diferenças inter e intragrupais.

Referências Bibliográficas

- Andrews, D. A., Bonta, J., & Wormith, S. J. (2006). The recent past and near future of risk and/or need assessment. *Crime and Delinquency*, 52,7.
- Babiak, P., & Hare, R. D. (2006). *Snakes in suits*. New York: Regan.
- Ballone, G., Neto, E., & Ortolani, I. (2002). Da emoção à lesão. Barueri: Manole.
- Barbosa, F., Gonçalves, S., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., & Marques-Teixeira, J. (2014). *The Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS): translation and adaptation to european portuguese*.
- Barbosa, F. (2003) Psicobiologia da Liberdade do Criminoso Reincidente (tese de doutoramento não publicada). Universidade do Porto (ICBAS), Porto.
- Barbosa, F., Quadros, F., & Ribeiro, L. (2012). *Reincidência Criminal: Tópicos de Avaliação e Intervenção Biopsicossocial*. Livpsic.
- Barreira, C. (2015). Crueldade: a face inesperada da violência difusa. *Sociedade e Estado*, 30(1), 55-74.
- Blair, R. J. R. (1995). A cognitive developmental approach to morality: Investigating the psychopath. *Cognition*, 57(1), 1-29.
- Blair, R. J. R. (2008). The cognitive neuroscience of psychopathy and implications for judgments of responsibility. *Neuroethics*, 1(3), 149-157.
- Boccardi, M., Ganzola, R., Rossi, R., Sabbatoli, F., Laakso, M. P., Repo-Tiihonen, E., & Frisoni, G. B. (2010). *Abnormal hippocampal shape in offenders with psychopathy*. *Human Brain Mapping*, 31(3), 438-447.
- Carvalho-Netto, E. F. (2018). Medo e ansiedade: Aspectos comportamentais e neuroanatômicos. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, 54(2), 62-65.
- Christian, E., & Sellbom, M. (2016). Development and validation of an expanded version of the three-factor Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment*, 98(2), 155-168.
- Cleckley, H. (1988). *The Mask Of Sanity Fifth Edition: private printing for non-profit educational use*. Emily S. Cleckley Augusta, Georgia-1988. *Cognition* 77 (2011) 176–182 181 psychopaths from the community. *Journal of Abnormal Psychology*, 110, 423–432.

- Dicio, Dicionário Online de Português (2018). Porto: 7Graus,. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/crueldade/]. Acesso em: 11/10/2018.
- Dindo, L., & Fowles, D. (2011). Dual temperamental risk factors for psychopathic personality: Evidence from self-report and skin conductance. *Journal of personality and social psychology*, 100(3), 557.
- Docherty, M., Boxer, P., Huesmann, L. R., O'Brien, M., & Bushman, B. J. (2016). Exploring primary and secondary variants of psychopathy in adolescents in detention and in the community. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 45(5), 564-578.
- Furnham A. Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and Individual Differences*. 1986;7(3):385-400. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(86\)90014-0](https://doi.org/10.1016/0191-8869(86)90014-0).
- Gao, Y., & Raine, A. (2010). Successful and unsuccessful psychopaths: A neurobiological model. *Behavioral sciences & the law*, 28(2), 194-210.
- Goffman, E. (1980). A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 76-114.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos* (7.^a ed). São Paulo: Perspetiva.
- Gonçalves, L., & Gonçalves, R. (2012). *Agressividade, estilo de vida criminal e adaptação à prisão*. *Psicologia USP*, 23(3), 559-584. <https://doi.org/10.1590/S0103-665642012005000013>.
- Grann, M., Långström, N., Tengström, A., & Kullgren, G. (1999). Psychopathy (PCL-R) predicts violent recidivism among criminal offenders with personality disorders in Sweden. *Law and Human Behavior*, 23(2), 205-217.
- Gray, J. A. (1970). The psychophysiological basis of introversion-extraversion. *Behaviour research and therapy*, 8(3), 249-266.
- Glenn, A. L., & Raine, A. (2008). The neurobiology of psychopathy. *Psychiatric Clinics of North America*, 31(3), 463-475.
- Hare, R. D. (1996). Psychopathy: A clinical construct whose time has come. *Criminal justice and behavior*, 23(1), 25-54.
- Hare, R. D. (1998). The Hare PCL-R: some issues concerning its use and misuse. *Legal and criminological psychology*, 3, 101-122.
- Hare, R. D. (1999). *Without conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. Guilford Press.
- Hare, R. D., & McPherson, L. M. (1984). Violent and aggressive behavior by criminal psychopaths. *International journal of law and psychiatry*.

- Hare RD, Neumann CS. *The PCL-R assessment of psychopathy: Development, structural properties, and new directions*. In: Patrick C, editor. *Handbook of Psychopathy*. New York: Guilford Press; 2006. pp. 58–88.
- Hare RD, Neumann CS. Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*. 2008;4:217–246.
- Hauck Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 8(3), 337-346.
- Hicks, B. M., Carlson, M. D., Blonigen, D. M., Patrick, C. J., Iacono, W. G., & McGue, M. (2012). Psychopathic personality traits and environmental contexts: Differential correlates, gender differences, and genetic mediation. *Personality disorders: Theory, research, and treatment*, 3(3), 209.
- Ishikawa, S. S., Raine, A., Lencz, T., Bihrlé, S., & Lacasse, L. (2001). Autonomic stress reactivity and executive functions in successful and unsuccessful criminal psychopaths from the community. *Journal of abnormal psychology*, 110(3), 423.
- Johnstone, L. & Cooke, D.J. (2008). PRISM: Promoting Risk Intervention by Situational Management: Structured professional guidelines for assessing situational risk factors for violence in institutions. *Glasgow: Northern Networking*.
- Kagan, R. (2004). *Of paradise and power: America and Europe in the new world order*. Vintage.
- Kelsey, K. R., Rogers, R., & Robinson, E. V. (2015). Self-report measures of psychopathy: What is their role in forensic assessments? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37(3), 380-391.
- Kernberg, O. F. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. New York: Jason Aronson.
- Kimonis, E. R., Skeem, J. L., Cauffman, E., & Dmitrieva, J. (2011). Are secondary variants of juvenile psychopathy more reactively violent and less psychosocially mature than primary variants? *Law and Human Behavior*, 35, 381–391. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9243-3>.
- Krueger, R. F., Markon, K. E., Patrick, C. J., Benning, S. D., & Kramer, M. D. (2007). Linking antisocial behavior, substance use, and personality: An integrative quantitative model of the adult externalizing spectrum. *Journal of abnormal psychology*, 116(4), 645.

- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/00223514.68.1.151>.
- Listwan, S. J., Van Voorhis, P., & Ritchey, P. N. (2007). Personality, criminal behavior, and risk assessment: Implications for theory and practice. *Criminal justice and behavior*, 34(1), 60-75.
- Lykken DT. 1995. *The Antisocial Personalities*. New York: Erlbaum.
- Minnesota (2007). Levels of Offenses. Recuperado dia 3 de Setembro de 2018 em: <https://www.house.leg.state.mn.us/hrd/issinfo/cr-offn.aspx>.
- Nunes, L. M. (2009). *Crime-psicopatia, sociopatia e personalidade anti-social*.
- Patrick, C., Fowles, D., & Krueger, R. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, 21(3), 913-938. <https://doi.org/10.1017/S095457>.
- Poythress, N. G., Edens, J. F., Skeem, J. L., Lilienfeld, S. O., Douglas, K. S., Frick & P. J., Wang, T. (2010). Identifying subtypes among offenders with antisocial personality disorder: A cluster-analytic study. *Journal of Abnormal Psychology*, 119, 389–400. <https://doi.org/10.1037/a0018611>.
- Rauter, C. (2007). Clínica e estratégias de resistência: perspectivas para o trabalho do psicólogo em prisões. *Psicologia & Sociedade*, 19(2).
- Salekin, R. T., Rogers, R., & Sewell, K. W. (1996). A review and meta-analysis of the Psychopathy Checklist and Psychopathy Checklist-Revised: Predictive validity of dangerousness. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 3(3), 203-215.
- Santos, C. M. (2001). O crime de colarinho branco: Da origem do conceito e sua relevância criminológica às questões da desigualdade na administração da justiça penal. *Studia Iuridica*, 56, 17-37.
- Schmeelk, K. M., Sylvers, P., & Lilienfeld, S. O. (2008). Trait correlates of relational aggression in a nonclinical sample: DSM-IV personality disorders and psychopathy. *Journal of Personality Disorders*, 22, 269–283.
- Scharfetter, C. (2002). *Allgemeine Psychopathologie: Eine Einführung*. Georg Thieme Verlag.
- Sellbom, M., Laurinavičius, A., Ustinavičiūtė, L., & Laurinaitytė, I. (2018). The Triarchic Psychopathy Measure: An examination in a Lithuanian inmate sample. *Psychological assessment*, 30(7), 10.

- Sica, C., Drislane, L., Caudek, C., Angrilli, A., Bottesi, G., Cerea, S., & Ghisi, M. (2015). A test of the construct validity of the Triarchic Psychopathy Measure in an Italian community sample. *Personality and Individual Differences, 82*, 163-168.
- Society for the Scientific Study of Psychopathy. (2018). Recuperado de <https://www.psychopathysociety.org/en/>.
- Thornberry, T. P., & Krohn, M. D. (2000). The self-report method for measuring delinquency and crime. *Criminal justice, 4*(1), 33-83.
- Tina D. Wall, Dustin B. Wygant & Martin Sellbom (2015) Boldness Explains a Key Difference Between Psychopathy and Antisocial Personality Disorder. *Psychiatry, Psychology and Law, 22*:1, 94-105, <https://doi.org/10.1080/13218719.2014>.
- Venables, N.C., Hall, J.R., & Patrick, C.J. (2014). Differentiating psychopathy from antisocial personality disorder: A triarchic model perspective. *Psychological Medicine, 44*, 1005-1013.
- Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., & Teixeira, J. M. (2014). *The triarchic psychopathy measure (TriPM): Translation and adaptation to European Portuguese*.
- Wall, T. D., Wygant, D. B., & Sellbom, M. (2015). Boldness explains a key difference between psychopathy and antisocial personality disorder. *Psychiatry, Psychology and Law, 22*(1), 94-105.
- Walters, G. D., Brinkley, C. A., Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson self-report psychopathy scale. *Journal of Personality Assessment, 90*(5), 491-498.
- Walters, G. D. (2012). Psychopathy and crime: Testing the incremental validity of PCL-R-measured psychopathy as a predictor of general and violent recidivism. *Law and human behavior, 36*(5), 404.
- Wellford, C. (1975). Labelling theory and criminology: An assessment. *Social Problems, 22*(3), 332-345.

Apêndices

Apêndice 1: Consentimento Informado

Consentimento Informado

Os questionários que se seguem enquadram-se numa investigação desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado com vista à obtenção do grau de mestre em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Este estudo tem como objetivo efetuar uma análise discriminada entre fatores ou fenótipos específicos de características da personalidade, por um lado, e a reincidência criminal, por outro.

Neste sentido, vimos solicitar a sua colaboração no preenchimento de dois questionários de personalidade: TriPM (The Triarchic Psychopathy Measure) e LSRPS (The Levenson Self-Report Psychopathy Scale).

As suas respostas serão anónimas e confidenciais, não tendo qualquer impacto sobre as medidas de flexibilização da pena, sendo a sua participação voluntária, podendo desistir a qualquer altura.

Os dados recolhidos irão unicamente ser utilizados para fins de investigação científica e publicação.

Data __/__/__

Assinatura
